



Patrimônio industrial e o reconhecimento cultural – A vila operária da Companhia Santista de Papel em Cubatão-SP

Industrial heritage and cultural recognition – The company town of the Companhia Santista de Papel in Cubatão-SP

¹PINTO, Celma de Souza

²CRUZ, Luciana Saboia Fonseca

¹Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail:
celma.ccsp@gmail.com
ORCID 0000-0003-0648-0853

²Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail:
lucianasaboia@unb.com.br
ORCID 0000-0002-9169-0515

Resumo

A iniciativa de se construir vilas operárias ou núcleos residenciais destinados a trabalhadores de empresas foi um fato comum nos empreendimentos fabris brasileiros desde o século XIX. Além da necessidade de oferecer moradia e comodidade com vistas a atração e retenção de mão de obra atuavam como uma forma de controle dos empregados. O processo de desmonte desses núcleos empresariais, em especial a partir da segunda metade do século XX, fez com que muitos desses locais se tornassem objeto de interesse no campo do patrimônio cultural. O presente artigo analisa aspectos de um processo que abrange desde a implantação até o abandono da Vila Operária da Companhia Santista de Papel em Cubatão, levando em conta o pioneirismo desse tipo de estabelecimento na Baixada Santista. A partir dessas informações conclui-se que sua importância atual pode ser destacada no campo da história da arquitetura e da preservação, ao mesmo tempo em que se constata a fragilidade das políticas públicas de reconhecimento cultural do patrimônio industrial no Brasil.

Palavras-chave: Vilas operárias; arquitetura; industrial; patrimônio industrial; políticas de preservação.

Abstract

The construction of company towns has become common in Brazilian manufacturing enterprises since the 19th century. In addition to the need to offer housing and convenience in order to attracting and retaining labor, they were built as a form of employee control. With the dismantling process of these corporate nuclei, especially from the second half of the twentieth century, many of these places became an object of interest in the field of cultural heritage. This article analyzes aspects of the process of implementing the abandonment of company towns by Companhia Santista de Papel in Cubatão, in view of the pioneering spirit of this type of establishment in Baixada Santista. Based on this information, it can be concluded that its current importance can be highlighted in the field of the history of architecture and preservation, at the same time that the fragility of public policies for cultural recognition of industrial heritage in Brazil can be seen.

Key Words: Companhia Santista de Papel; company towns; industrial architecture; industrial heritage. heritage preservation policies.



1. Introdução

A construção de vilas operárias ou núcleos residenciais de empresas se tornaram comuns nos empreendimentos fabris brasileiros desde o século XIX. Com o desenvolvimento industrial a partir das primeiras décadas do século XX ocorreu uma proliferação desse tipo de sistema de organização empresarial. No entanto, o dinamismo da produção industrial levou inevitavelmente a processos de modernização e mudanças na manufatura de bens, o que resultou na obsolescência desse modelo.

Inicialmente localizadas em áreas rurais ou em bairros mais distantes dos centros das cidades¹ com o tempo, devido aos processos de expansão, foram, em muitos casos, incorporadas como bairros ou se diluíram na paisagem (CORREIA, 2011). No entanto, esses mesmos processos de dinâmica industrial e urbana levaram ao desaparecimento de muitas dessas “minicidades”, que possuíam toda a infraestrutura necessária, configurando um “núcleo urbano fechado”, no dizer de Rosélia Piquet (1998).

A partir da segunda metade do século XX, a discussão sobre a necessidade de preservação desses núcleos ganhou certa expressão pois, além de valores históricos e arquitetônicos, tornaram-se referência como um patrimônio afetivo para os moradores de várias cidades que se desenvolveram no entorno, em consequência ou juntamente com essas vilas operárias inseridas em sua paisagem.

Nesse sentido houve um avanço em 2003 com a publicação da Carta de Nizhny Tagil² na qual esse tipo de habitação é definido como patrimônio industrial, possibilitando maior compreensão conceitual no campo do patrimônio cultural,

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (Carta de Nizhny Tagil, 2003).

Embora a Carta de Carta de Nizhny Tagil seja uma referência importante para ampliar o entendimento e valorização do patrimônio industrial também no Brasil, esse tema ainda esbarra em aspectos conceituais e operacionais dentro das políticas de preservação. Apesar dos avanços ocorridos desde a criação do SPHAN, em 1937, atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em relação à compreensão do que seria o patrimônio cultural brasileiro, o patrimônio industrial até recentemente não fora contemplado como uma categoria a ser reconhecida.

Nas primeiras décadas de atuação, a instituição voltou-se para a preservação de bens que representassem a identidade nacional, privilegiando os aspectos “monumental” e “excepcional” do patrimônio. Priorizou-se, portanto, a proteção de bens relacionados ao período colonial em seu sentido estético, com ênfase para arquitetura barroca. Deste modo, foi tombado um grande número de monumentos religiosos (católicos), oficiais (casas de câmara e cadeia, palácios, etc.), conjuntos urbanos desse período, obras de arte, dentre outros.

A partir da década de 60 surgiram os primeiros órgãos de preservação estaduais e depois municipais. Isso influenciou a atuação e a perspectiva sobre o patrimônio cultural, o que se pode verificar na

¹ Telma de Barros (2011) aponta que uma das características das empresas que buscavam localidades rurais para sua instalação era a construção de vilas operárias com toda uma infraestrutura para sua autossuficiência pela necessidade de atrair e manter mão-de-obra em locais tão afastados.

Aprovada pela Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), em 03 de junho de 2003.



Baixada Santista. Na cidade de Santos, por exemplo, a arquitetura de caráter industrial poderia ter sido objeto de maior reconhecimento pelas políticas de preservação. O porto remonta ao século XVI. Vários prédios da área central da cidade estão relacionados à função portuária original. Contudo, tão somente seis construções foram protegidas por meio do tombamento em âmbito federal. Nenhuma representa a importante atividade portuária e industrial da cidade. São elas: Casa do Trem, Mosteiro e Igreja de São Bento, Casa de Câmara e Cadeia, Retábulo da Capela da Igreja de Santo Antônio do Valongo, Ruínas do Engenho dos Erasmos, Casa com frontaria azulejada; Edifício da Bolsa Oficial do Café. Dessas seis, somente a última apresenta relação com o comércio do café, o produto mais exportado pelo porto.

No âmbito estadual, a memória da industrialização na Baixada Santista foi objeto de um maior avanço se comparada à seleção de bens protegidos na esfera federal. Dos 17 bens tombados³ pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo (Condephaat), alguns revelam a preocupação com o patrimônio industrial, como o tombamento do Conjunto de Obras de Saneamento de Saturnino de Brito e mesmo a Bolsa do Café ou as ruínas dos engenhos coloniais. No entanto, ficaram excluídas inúmeras construções, a exemplo dos antigos galpões portuários, dentre outros inúmeros bens relacionados à ferrovia e indústria ali estabelecidas a partir do século XIX. Situação análoga pode ser observada na lista dos 56 bens protegidos pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Santos (Condepasa)⁴.

No município de Cubatão, o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Cubatão (Condepac), criado em 2002⁵, realizou a preservação de nove bens, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – Lista de bens protegidos pelo Condepac 2002-2019

BEM	TIPO	PROTEÇÃO	DATAÇÃO
Conjunto da obra de Victor Dubugras no Caminho do Mar	Edificação	Tombamento	Década de 1920
Biblioteca Municipal Prof. João Rangel Simões	Edificação Escolar	Tombamento	Prédio eclético de 1935
Acervo artístico do pintor Jean Ange Luciano	Obra de arte/Acervo	Tombamento	Década de 1970
Locomotiva a vapor Henschel e carro de passageiros	Artefato	Tombamento	1916
Grupo Rinascita de Música antiga	Grupo Musical	Registro	Década de 1970
Núcleo Histórico do Largo do Sapo	Conjunto Urbano	Tombamento	Princípios do século XX
Cemitério Israelita	Cemitério	Tombamento	1919
Imagem de Nossa Senhora da Lapa	Imaginária	Tombamento	Século XVIII
Imóveis da Antiga Companhia de Anilinas e Produtos Químicos	Edificação	Tombamento	Décadas de 1920/1930

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras, 2019.

³ Bolsa Oficial do Café, Teatro Coliseu, Museu de Pesca, Instituto Escolástica Rosa, Escola Dr. Cesário Bastos, Escola Visconde de São Leopoldo, Conjunto de Obras de Saneamento de Saturnino de Brito, Outeiro de Santa Catarina, Ruínas do Engenho dos Erasmos e do Engenho, do Rio Quilombo, Casarão do Valongo, Conjunto Santo Antônio do Valongo, Igreja e Mosteiro de São Bento, Ilhas, Ilhotas e Lajes, Jardins da Orla, Serra do Mar e de Paranapiacaba e, Vale do Quilombo.

⁴ Disponível em <https://www.santos.sp.gov.br/?q=portal/condepasa>, acessado em 11 nov. 2019.

⁵ Lei Municipal nº 2.806, de 26/12/2002.



Essa seleção não expressa a variedade de remanescentes industriais, fabris ou ferroviários, como por exemplo a passarela em ferro com treliças, ainda original, construída pela Estada de Ferro São Paulo Railway em fins do século XIX, ou mesmo a Estação da Raiz da Serra também desse período.

Para Chuva (2012) “A noção de patrimônio cultural – categoria-chave para a orientação das políticas públicas de preservação cultural – é historicamente constituída e tem se transformado no tempo”. Assim, aspectos materiais como a arquitetura o maquinário, entre outros equipamentos relacionados à indústria podem ser repensados cada vez mais a partir do reconhecimento de novos valores no campo do patrimônio cultural, em especial os remanescentes arquitetônicos cuja força estética se destaca, a exemplo das vilas operárias, seja pelo contexto histórico no qual foram planejadas ou construídas ou pela ressignificação dada por grupos ou comunidades onde se inserem.

2. A constituição da Companhia Fabril do Cubatão

No atual município de Cubatão, desde as primeiras décadas do século XX foram instaladas fábricas de expressão comercial no contexto paulista e nacional como a Costa Moniz Indústria e Comércio (1912), a Companhia de Anilinas e Produtos Químicos do Brasil (1916/1924) e a Companhia Fabril do Cubatão (1922). Após a década de 1950, indústrias de base formariam o polo industrial, com mais de 24 empresas nas áreas petroquímica, siderúrgica e de produção de energia. Em nenhuma esfera houve qualquer tipo de proteção dos remanescentes industriais dessas fábricas e de construções que representam um patrimônio material mais recente, porém significativo do ponto de vista da arquitetura desse período de desenvolvimento da industrialização brasileira, como prédios administrativos, torres, galpões, entre outros.

No que se refere à moradia, todas essas fábricas instaladas em Cubatão ofereciam casas para os empregados, incluindo as destinadas aos funcionários da Estrada de Ferro Santos Jundiáí (1867) e da Usina Henry Borden (1925). Nesse contexto destaca-se a Companhia Santista de Papel, denominação da Companhia Fabril do Cubatão a partir de 1931, com uma das primeiras vilas operárias de grande dimensão na Baixada Santista, próxima à encosta da Serra do Mar.

Na década de 1920 a indústria de transformação passa por um processo de dinamização que vai privilegiar a indústria paulista que começa a concentrar grande parte dos estabelecimentos (CANO, 1998). Para Suzigan (2000), essa década foi bem-sucedida para a indústria do papel, tendo ocorrido expansão da produção das principais fábricas, tanto pelos investimentos na incipiente industrialização brasileira como provavelmente em função da concessão de vantagens pelo governo federal⁶. Segundo o censo realizado em 1907 pelo Centro Industrial do Brasil, havia no país 17 fábricas de papel em funcionamento naquele período, número que, em 1926 subiu para 22 fábricas.

Em fins do século XIX destacavam-se a Companhia Melhoramentos de São Paulo, fundada em 1887, e a Companhia Papel de Salto, fundada em 1890. Ainda na passagem para o século XX havia outros empreendimentos em diferentes regiões do país com vistas a fabricação de papel (ABTCP, 2004). Em São Paulo, o italiano Narciso Sturlini instalou em 1902, na cidade de Osasco, a Indústria de Papel Sturlini Matarazzo & Cia. Nesse mesmo ano, a família Klabin arrendou a Companhia de Papel de Salto, tendo, logo depois, iniciado a construção de sua primeira unidade fabril, a Companhia Fabricadora de Papel, no bairro de Santana da cidade de São Paulo cuja produção teve início em 1914 (ABTCP, 2004).

É nessa situação de expansão da fabricação de papel no país, que é criada a Companhia Fabril do Cubatão, constituída em 1919 por um grupo de empresários paulistas. No mesmo ano inicia-se a

⁶ A exemplo do dispositivo da lei orçamentária de 1922 que concedia isenção de direitos de importação para máquinas e acessórios destinados à instalação de fábricas de papel e celulose obtida de matérias primas nacionais e também para a produção de pasta de madeira, além de outras isenções e reduções de imposto de importações (SUZIGAN, 2000, p. 306).

construção dos prédios de produção na área da Fazenda do Itutinga, nas vertentes do rio Cubatão, em um pequeno distrito do município de Santos, que só seria emancipado em 1949. Vários fatores influenciaram na escolha desse local próximo à encosta da Serra do Mar. Primeiro, a Fazenda Itutinga abrangia uma área de 8.617.687 m² ou 356,1 alqueires. Era revestida por uma mata virgem e compreendia as duas margens do rio Cubatão, o que facilitava a implantação de infraestrutura para o escoamento de produtos e as possibilidades de expansão das atividades. A fazenda possuía, ainda, três quedas d'água, importantes para produção de energia e preparação da matéria prima, fator decisivo uma vez que a indústria de papel e celulose consumia um volume de água relativamente alto. Outro motivo foi a proximidade com o porto de Santos, de onde receberiam matéria-prima, máquinas e equipamentos e, com São Paulo, o grande centro consumidor. Havia ainda, a possibilidade de isenção de impostos por ser uma nova atividade industrial instalada no município de Santos, conforme previsto na lei nº 244, de 28 de novembro de 1906.

Na área implantada existia até então apenas o sistema de captação de água pela City Santos Improvments Co., no rio Pilões, e plantações de bananas, a principal atividade econômica daquela localidade. A empresa contratada para a obra foi a E. Kemnitz & Cia. Ltda., construtora especializada na época em obras hidráulicas e concreto armado que já havia realizado inúmeras obras no país como silos, armazéns, cinemas, pontes e prédios empresariais⁷. A expectativa dos empreendedores era atender ao mercado brasileiro vislumbrando o potencial que a indústria de papel e celulose apresentava naquele momento. Em 1922 a fábrica entrou em operação produzindo diversos produtos como papel jornal, de embrulho, azul para resmas, de rolo, maculatura, entre outros. Também estava aparelhada para a produção de pasta mecânica, de madeira e celulose. Nesse mesmo ano todas as paredes dos grandes pavilhões operacionais já haviam sido edificadas, a oficina mecânica já fora montada, além de uma usina hidroelétrica. Em seguida construiu-se uma diversidade de prédios destinados à produção, armazenamento, garagem, cocheira, laboratório e outros equipamentos que levaram essa empresa ao posto de terceira maior do Estado de São Paulo nos anos seguintes.

Para divulgação da fábrica, encomendou-se o filme promocional Companhia Fabril do Cubatão, realizado pela Independência-Omnia Film, sob direção do jornalista João de Sá Rocha apresentado no Pavilhão do Estado de São Paulo, durante a Exposição Internacional do Centenário da Independência ocorrida no Rio de Janeiro, em 1922. Passou, depois, a ser exibido em sessões em cinemas de São Paulo. Em setembro desse ano a inauguração da fábrica foi objeto de extensa reportagem publicada na revista A Cigarra.

A fábrica, no ano de inauguração possuía 180 funcionários, contando com uma vila operária de 46 casas. Os trabalhadores contratados inicialmente eram portugueses, depois imigrantes espanhóis e equipe técnica de origem diversa, em geral formada por europeus. Crianças e mulheres foram também admitidas nos trabalhos, normalmente na sala de escolha de papel, onde os papéis bons e os brancos eram separados.

Dois anos após o número subiu para 62 casas, sendo seis para o pessoal ligado à direção da empresa. Além disso, já havia escola, farmácia e armazém. O presidente era o fazendeiro Theodomiro de Mendonça Uchôa, o gerente o advogado Francisco de Paula Vicente de Azevedo e, o diretor técnico, Lindolpho de Freitas (Figura 01).

⁷ Na época em que construía a Companhia Fabril, também era responsável pela construção da Fábrica de tecidos Moinho Santista, em São Paulo, Banco do Brasil (BA), Silos para trigo da Cia. Docas de Santos, Usina Hydro Eletrica Rio das Pedras (MG), a Ponte Internacional sobre o Jaguarão (RS), entre outros, conforme Revista Brasileira de Engenharia: Rio de Janeiro, ano VIII, Tomo XIV, nº 06, dez. 1927, p. 05.

Figura 1: Primeira diretoria da Companhia Fabril de Cubatão, 1922



Da esquerda para a direita: Francisco de Paula Vicente de Azevedo, Lindolpho de Freitas e Theodomiro de Mendonça Uchôa. Fonte: Revista A Cigarra, 1922.

Na imagem de 1922 (Figuras 02 e 03), destaca-se a fábrica ainda em construção. Em 1926, quatro anos depois, (Figura 04), já é possível visualizar o conjunto fabril praticamente finalizado, destacando-se uma das chaminés, já demolida.

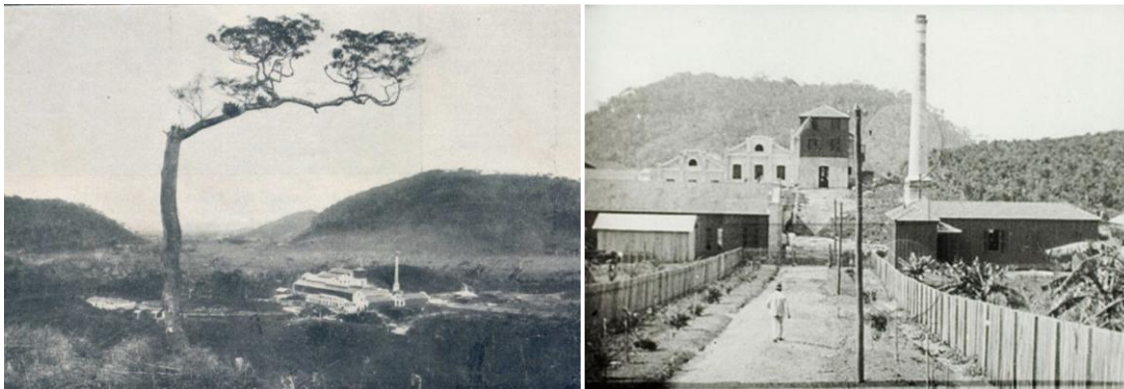
A fábrica ficava a 14 quilômetros do então distrito de Cubatão, e pouco além da estação férrea, razão pela qual foi construído um ramal ferroviário que ligava a Tramway da City of Santos Improvements Company⁸ à Companhia Fabril, com a distribuição dessa linha férrea pelas diversas seções da fábrica para facilitar a chegada de matérias primas, bem como o escoamento da produção.

Havia, ainda, uma usina hidroelétrica no rio Cubatão, que absorveu boa parte dos investimentos em obras de represa, tubagem e de proteção preventiva contra enchentes. Essa usina utilizava Turbina Pelton de 800 hp e 750 rpm, um grande avanço em relação as fábricas da década anterior. Suzigan (2000, p. 302), menciona que das dezessete fábricas existentes em 1907, somente nove estavam devidamente equipadas para produzir papel, com uma média de 154 HP de potência, o que era considerado pouco tendo em vista que a produção de papel exige grande consumo de energia. A Companhia Fabril possuía também vários imóveis, em Cubatão e na cidade vizinha, São Vicente, além de móveis e veículos e um capital de 6.000.000\$000⁹. As outras fábricas existentes em Cubatão no mesmo período, o Curtume de Domingos da Costa Moniz e a fábrica de produtos químicos e corantes de J.B. Duarte embora também expressivas na região possuíam respectivamente, 18 e 60 funcionários.

⁸ A City of Santos Improvements Co. foi fundada em 1880 para comprar e operar as concessões e empreitadas da Companhia de Melhoramentos da Cidade de Santos, incluindo o abastecimento público de água e gás e exploração do sistema de tramways, ou seja, bondes elétricos. A estes serviços juntaram-se, logo depois, os de iluminação e fornecimento de energia elétrica.

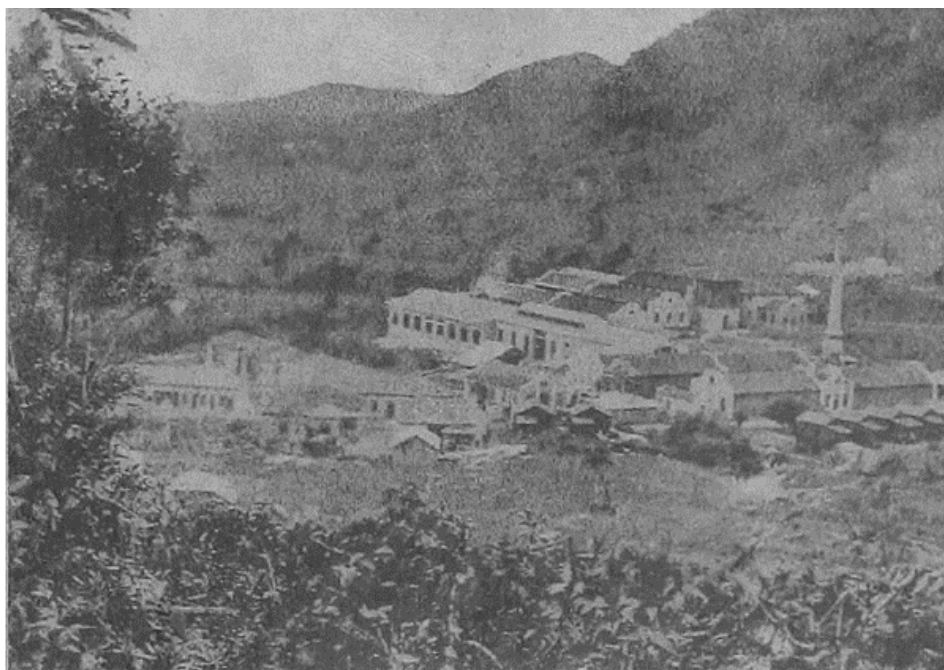
⁹ Segundo a Estatística Industrial do Estado de São Paulo 1930-1931, Santos possuía uma fábrica de vassouras piaçava; uma empresa serviços de conserto de máquinas, a Brito Co. Fábrica de cigarros de palha e papel, com 48 funcionários, sendo que os outros municípios nem aparecem nessa estatística.

Figuras 2 e 3: Vista da Companhia Fabril de Cubatão em 1922



Da esquerda para a direita, vista geral da fábrica de papel da Companhia Fabril, em 1922. Fonte: Revista A Cigarra. E, a construção, em imagem do filme realizado em 1922 pela Independência-Omnia Film.

Figura 4: Vista da Companhia Fabril de Cubatão em 1926



Fonte: Centro dos Fabricantes Nacionais de Papel (CFNP) 192510.

A construção da vila operária seguiu diretrizes estabelecidas nos padrões higiênicos da época. As casas eram feitas em alvenaria de tijolos, com cobertura de telha francesa. Na parte interna os pisos eram de madeira e ladrilhos. As janelas eram envidraçadas com janelas de madeira tipo veneziana. Dispunham de água encanada, eletricidade e sistema de esgoto. No filme publicitário realizado em 1922, cuja preocupação foi revelar tenha sido cenas dos aspectos técnicos da produção e da paisagem do entorno, buscou mostrar também a vida do trabalhador, em imagens das residências destacando em texto que eram casas “higienicas e confortáveis, dispendo de agua encanada, luz electrica e exgottos à maioria dos empregados” (Figuras 5 a 8).

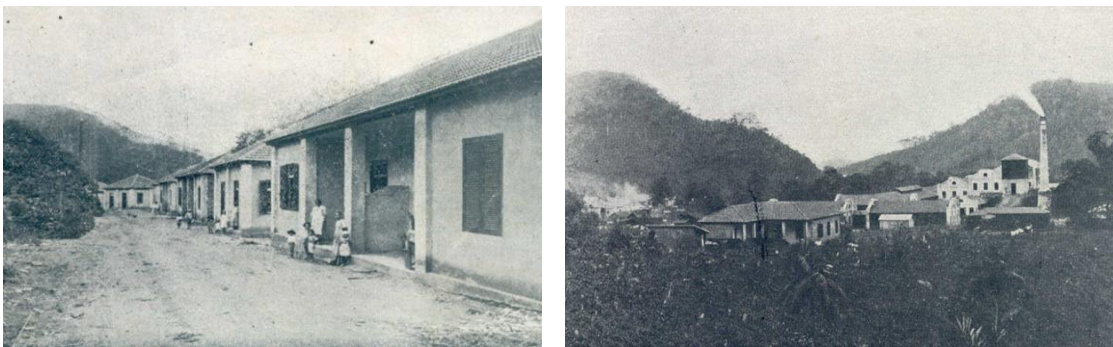
¹⁰ Disponível em: <<https://archive.org>>. Acesso em 12 nov. 2018.

Figuras 5 e 6: Aspecto da vila operária em 1922



Fonte: Filme Companhia Fabril do Cubatão, 1922.

Figuras 7 e 8: Construções residenciais em 1922



Vila Operária e casa do diretor técnico em primeiro plano, com a fábrica ao fundo. Fonte: Revista A Cigarra, 15 set. 1922, Ano X, nº 192.

3. A Expansão

Em 1931 a Companhia Fabril do Cubatão entra em falência, sendo incorporada pela Companhia Santista de Papel, porém a direção geral da fábrica permanecendo com Francisco de Paula Azevedo. A partir de 1932 continuaram os investimentos. Vários melhoramentos foram feitos para aumento da produção, o que manteve a Companhia Santista entre as três mais importantes fábricas de papel do Estado de São Paulo durante a década de 1930 juntamente com a Klabin e a Melhoramentos, responsáveis por mais da metade da produção nacional (SUZIGAN, 2000, p. 314).

Em 1930 a fábrica ocupava uma área construída de 41.402,2m², com vários prédios e um núcleo operário estabelecido. Foram construídas 130 casas, a maioria com dois cômodos e, quase metade desse dispondo de cozinha e privada. Ao fundo das casas havia um amplo terreno de uso comum, com plantio de pequenas hortas.

Havia ainda açougue, salão de barbeiro e escola pública. Posteriormente foram incorporados refeitório, padaria, armazém de secos e molhados, bar, barbearia, sapateiro, pensão, igreja, cinema, farmácia e clube, além de um bosque e campo de futebol¹¹. Para os solteiros havia alojamento específico. Nem todos os funcionários residiam com as famílias na vila operária, muitos moravam em São Paulo ou cidades vizinhas.

¹¹ Cf. relação dos bens da Cia. Fabril de Cubatão, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo, em 24 de setembro de 1931, p. 15-19, por ocasião da chamada para leilão da massa falida da empresa.

Em 1947 a Companhia Santista de Papel realiza melhorias na vila operária, com novo arruamento e ampliação do número de casas. Inicialmente a maior das casas foram construídas posicionadas no terreno frontal e lateral dos galpões de produção e administrativos, se estendendo em direção a encosta da serra. Apesar do aspecto externo bastante simples, configuravam um conjunto de grande beleza paisagística emoldurado pela vegetação nativa e pela Serra do Mar (Figura 09).

Os logradouros de entorno da fábrica e vias foram pavimentados em pedra. Atualmente as ruas são denominadas pelo elemento de destaque: Rua do Trevo, Rua Direita, Rua do Cinema, Rua do Clube, Rua do Alojamento, Rua do Bosque, Praça da Farmácia e Praça da Escola.

A Construção da Via Anchieta na década de 1940 impactou no arranjo urbano da vila, como pode ser verificado em imagem dos anos 1950 e planta de regularização da Santista de Papel da década de 1970 (Figuras 09 e 10) uma vez que a Rodovia corta o terreno da fábrica separando um grupo de casas do conjunto que foram demolidas posteriormente¹².

Durante as obras da Via Anchieta inúmeros trabalhadores deram início à ocupação em áreas próximas à fábrica formando bairros que subsistem até hoje. Essas ocupações foram intensificadas posteriormente com a construção do polo industrial, o que gerou um aumento considerável da ocupação dos terrenos de entorno, a tal ponto que atualmente quase que se misturam ao casario da antiga Santista de Papel, reduzindo-lhe sensivelmente a área. Essa situação torna a preservação das construções remanescentes também uma questão social, a ser considerada nas possíveis ações de gestão e sustentabilidade, com vistas à inclusão desses moradores.

Figura 9: Companhia Santista de Papel na década de 50



Companhia Santista de Papel na década de 50, já com novo arruamento e área da vila operária cortada pela Rodovia Anchieta. Fonte: Arquivo Histórico de Cubatão.

¹² Processo de regularização nº 2518/1948, pertencente ao acervo da Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Figura 10: Planta da Companhia Santista de Papel década de 1970

Planta da Companhia Santista de Papel feita pela autora a partir do processo de regularização datado da década de 1970.

As casas pintadas de branco têm portas e janelas em madeira pintadas em verde. As janelas em venezianas são quase ausentes de ornatos. As portas, em geral apresentam bandeira para melhorar a iluminação e ventilação no interior da edificação. Ao longo do tempo sofreram alterações em relação à fachada apresentada nas edificações da década de 1920.

Pelo que se observa nas casas remanescentes, a cobertura é em duas águas, telhas tipo francesa, com beirais paralelos ao alinhamento da rua. São, em geral geminadas duas-a-duas, em blocos sequenciais de três a seis casas, a depender da rua, ou ainda isoladas. Nas casas geminadas ou em blocos há variação em relação ao acesso principal, ora com pequeno alpendre ou com acesso por escadas, dependendo da declividade da rua.

Não é possível a descrição interna dos imóveis pois, a pesquisa sobre a Companhia Santista de Papel esbarra nas fontes documentais da empresa. As várias mudanças de proprietário dificultam, quando não impedem, acesso a documentos e aos imóveis, impossibilitando uma análise mais detalhada das construções¹³. A esse respeito Dalla Costa (2004) diz que “[...] ao se tratar de trabalhos acadêmicos, de modo geral os autores têm o acesso dificultado ou simplesmente negado, por tratar-se de informações ‘sigilosas’”.

Abaixo (Tabela 2), algumas tipologias de casas remanescentes da Companhia Santista de Papel. Algumas ainda mantêm relativa integridade quanto às características originais, porém a maioria já sofreu algum tipo de alteração para adequação a novos usos e a novas formas de acesso. Na fachada em geral houve troca das janelas de madeira tipo veneziana por esquadrias de alumínio e, também na

¹³ A realização desta pesquisa se deu por meio dos balancetes publicados nas décadas de 1920 e 1930 no Diário Oficial de São Paulo (DOSP); revistas, notícias de jornal, filmes, processos administrativos e pesquisa in loco.

forma de acesso.

Tabela 2: Tipologias de casas remanescentes

	<p>Tipo de habitação geminada situada na Rua do Trevo, construída em alvenaria de tijolo, cobertura de telha francesa em sete águas.</p>		<p>Antigo armazém situado na esquina da Rua Direita com a Rua do Clube com alinhamento na rua.</p>
	<p>Tipo de habitação geminada da Rua Direita, construída em alvenaria de tijolo, cobertura de telha francesa em quatro águas.</p>		<p>Tipo de habitação isolada, murada, da Rua do Bosque, destinada a técnicos.</p>
	<p>Tipo de habitação geminada da Rua Direita, construída em alvenaria de tijolo, cobertura de telha francesa.</p>		<p>Edificação escolar em bloco único com sequência de janelas no térreo e primeiro andar.</p>
	<p>Tipo de habitação geminada da Rua Direita, com acesso por escada de cinco degraus. Blocos de três e quatro casas.</p>		<p>Igreja com torre sineira de telhado em escama de peixe. Internamente, a capela possui forro em madeira em forma de arco.</p>
	<p>Tipo de habitação geminada da Rua Direita e Rua da Farmácia, com varanda.</p>		<p>Prédio do Cinema. Edificação com marquise em concreto armado. Vãos de portas e janelas em alinhamento.</p>

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras, 2019.

Embora haja uma diversidade de tipologias entre as décadas de 1920 e 1930, uma certa homogeneidade nas construções permite uma leitura de conjunto. Durante a pesquisa observou-se que as casas dispostas em blocos contínuos e terrenos de fundos de uso comum pode ter gerado conflitos entre moradores pela ausência de privacidade. As casas isoladas, por outro lado se destinavam a técnicos com cargos mais elevados. Posicionadas em local mais afastado dos blocos da vila operária,

eram entremeadas por um bosque o que possibilitava maior comodidade, afirmando o caráter segregador desses locais.

4. O processo de desmonte

Desde 1967, quando o grupo Ripasa S/A – Celulose e Papel do grupo Zarzur-Zogbi-Derani comprou a Companhia Santista de Papel, a fábrica passou a receber a celulose necessária à sua produção da Ripasa, localizada em Americana, SP (COUTO, 2003). No final dos anos 60 a indústria estava em plena expansão, sendo uma das grandes indústrias de papel do país, com cerca de 600 operários (PMC, 1970).

A Ripasa foi transformada em Votorantim no ano de 2005 e dois anos depois foi efetivada a venda das unidades fabris localizadas em Limeira e Cubatão, passando a Companhia Santista de Papel para a empresa MD Papéis Ltda., situada em Caieiras. Desde então, a vila operária intensificou um processo de desmonte com a demolição das casas à medida que os funcionários se aposentavam. Em 2004, quando a Santista de Papel ainda era de propriedade da Ripasa, conforme notícias veiculadas nos jornais locais nesse mesmo ano¹⁴, a demolição de algumas residências foi objeto de protesto dos cubatenses que desejavam sua permanência.

Apesar da boa capacidade de produção de papéis gráficos e editoriais, a MD Papéis fechou sua unidade em Cubatão em 2012. Em decorrência do fechamento da fábrica houve remodelações na antiga vila operária com destruição gradativa das construções pela ação do tempo, por reformas com perda de suas características originais ou por demolições (Figura 11).

Figura 11: Casa com conservação arruinada pela ação do tempo



Fonte: Foto de Celma S. Pinto, janeiro/2019.

Embora seja área de propriedade privada, a vila operária da antiga Companhia Santista se comporta como um bairro do município, denominado de bairro Fabril, em alusão a sua primeira denominação,

¹⁴Cf. notícias disponíveis no site Novo Milênio, disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch052b.htm>. Acesso em 12 nov. 2019.



Companhia Fabril do Cubatão. Para atender às comunidades do entorno, a prefeitura local manteve alguns equipamentos públicos de educação e saúde em edificações reformadas para essa finalidade¹⁵, sendo boa parte da área da fábrica desapropriada pelo poder público municipal. O local também funciona como um nó da circulação de transporte público e veículos, uma vez que a única opção de acesso às populações daquela região é passando pelas vias da antiga fábrica.

4.1 Desafios para o reconhecimento

Apesar dessa inserção na vida urbana do município, questões políticas, urbanas e territoriais ainda representam barreiras para o reconhecimento da Companhia Santista de Papel como um patrimônio cultural a ser preservado.

Essa situação é decorrente da característica do polo industrial de Cubatão constituído por cerca de vinte indústrias ativas, em sua maioria construídas entre as décadas de 50 a 80. No entanto, como os processos industriais estão sempre em transformação devido às mudanças econômicas e tecnológicas, por exemplo, há um dinamismo contínuo na área industrial com construções, desmontes e reconstruções que incidem diretamente nos terrenos da fábrica, uma vez que seus prédios de produção, habitação operário e outros atualmente sem uso são vistos como um impedimento à instalação de novos empreendimentos e não uma oportunidade para ações de requalificação urbana a partir de seu valor histórico e cultural. A esse respeito Luís Loures (2010) destaca a importância de “lembrar que o Patrimônio Industrial constitui o resultado da intervenção humana, que marcou as últimas fases da história industrial recente, constituindo por isso um valor que não pode ser descurado”.

Outra questão relevante é a territorial. A Baixada Santista é uma região central do Estado de São Paulo constituída por nove municípios. Está concentrada em um espaço territorial localizado entre o Oceano Atlântico e a Serra do Mar. O município de Santos historicamente é o de maior importância devido à presença do Porto de Santos. As outras cidades estão voltadas em grande parte para o turismo embora revelem cada vez mais outras vocações sendo que Cubatão se mantém como um município industrial.

A região se apresenta atualmente bastante conurbada, com poucas áreas livres fato que aumenta cada vez mais a disputa por área de expansão para atividades industriais, portuárias, comerciais e residenciais, com tendência ao agravamento. As atividades portuárias, por exemplo, ocupam boa parte do estuário, sempre com necessidade de expansão bem como da melhoria ou construção de novas estradas para escoamento de produtos e melhoria do acesso às cidades balneárias. Em Cubatão, a reorganização constante do Polo industrial exige novas áreas.

Assim, as questões territoriais têm uma dimensão importante na compreensão das dificuldades de preservação do patrimônio industrial em Cubatão, seja pela configuração geográfica da Baixada Santista ou por se tratar de região metropolitana onde as atividades econômicas estão atreladas e cuja pressão por novos espaços recaem sobre os terrenos com construções em desuso como o da Santista de Papel.

4.2 Em busca da preservação

Das seis produtoras de papel do Estado de São Paulo existentes na década de 1920, contemporâneas à Companhia Santista de Papel, somente a Brasital S/A, em Salto, foi objeto de tombamento pelo Condephaat. E não por sua produção de papel, uma vez que essa fábrica se caracterizou mais como indústria têxtil. Além desse fator, trata-se de conglomerado que uniu três fábricas com atributos arquitetônicos muito distintos da Santista de Papel, que tem localização, forma de ocupação no terreno

¹⁵ Conforme Decretos municipais n.º 9.832/2012 e 10.405/2015.



e estilo arquitetônico muito peculiar em relação às fábricas do mesmo período, podendo ser considerada como um testemunho importante ainda remanescente no Estado de São Paulo.

Mesmo com essas peculiaridades e uma trajetória centenária que se insere no processo de industrialização do interior de São Paulo, em especial o da Baixada Santista, desde 2005 o órgão de preservação local, Condepac, busca sem sucesso a preservação dos remanescentes materiais da antiga fábrica¹⁶. Esse órgão justifica que “A Vila Operária da Cia. Santista de Papel foi edificada no início do século XX e representa um importante referencial da ocupação territorial do município de Cubatão e símbolo da primeira fase do desenvolvimento industrial da região” (Condepac, 2005). No entanto, o governo municipal, em sucessivas administrações, não demonstrou qualquer ação com vistas à publicação do ato legal de preservação.

Por outro lado, a dificuldade de diálogo entre os órgãos de preservação das diferentes esferas, que possui estrutura, formas de gestão e legislação específicas leva a entraves burocráticos e de recursos que coíbe o diálogo e o desenvolvimento de ações conjuntas. Esse isolamento na atuação das instituições prejudica, em muitos casos, com maior peso os órgãos locais, pois além de sofrerem pressão direta dos gestores municipais contrários à preservação de bens materiais, têm pouca capacitação e apoio técnico para desenvolver projetos de preservação e gestão sustentáveis para bens industriais, como é o caso de Cubatão.

5. Considerações finais

Os remanescentes da vila operária da Companhia Santista de Papel representam um testemunho da arquitetura industrial da Baixada Santista dos princípios do século XX, pelas peculiares características de implantação entre o rio Cubatão e a encosta da Serra do Mar, fator de importância para a compreensão do processo de industrialização regional. A vila operária implantada possui uma variedade de tipologias, que testemunham as diferentes fases de evolução da paisagem, porém em grande parte se fundamenta na construção de blocos sequenciais de casas geminadas de aparência relativamente simples e sem ornamentação.

Em razão de expansão urbana, ou por serem elas próprias indutoras do crescimento, ou por funcionarem como núcleo inicial na formação de cidades, muitas vilas operárias acabaram por se mesclar às cidades próximas. A vila operária da Companhia Santista de Papel em razão da sua localização distante da área central de Cubatão, e da separação natural imposta pelo rio, Cubatão é uma exceção que inviabilizou essa integração urbana. No entanto, a infraestrutura bastante arrojada na localidade permitiu a interação social de funcionários à população local graças às atividades festivas como bailes, esportes, recreação e lazer oferecidas pela empresa comumente extensivas à população. O ex-vereador de Cubatão Romeu Magalhães, antigo funcionário da fábrica chegou a declarar que “O auge da Vila Fabril, que girava em torno da fábrica, foi entre 1950 e 1962. Era o centro geográfico da Cidade”¹⁷.

Dessa forma, não só antigos funcionários, mas também moradores de Cubatão na atualidade passaram a compreender os remanescentes dessa vila operária como seu patrimônio histórico e afetivo. O local outrora de trabalho e a sua arquitetura, inicialmente utilitária e voltada para a produção, vem sendo ressignificado a partir de novos valores no âmbito do patrimônio cultural. Alguns roteiros de turismo na Baixada Santista incluem essa fábrica como local de visitação, seja presencial ou virtual por meio da *internet*¹⁸.

¹⁶ Processo municipal nº 00182/2005.

¹⁷ Notícia do Jornal A Tribuna de Santos de 06/02/2005. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/cubatao/ch052b.htm>. Acesso em 12 nov. 2019.

¹⁸ Descubra a Baixada Santista. Disponível em



Com o processo de desmonte da fábrica a partir de 2004, intensificado com seu fechamento em 2012, a vila operária da Companhia Santista de Papel, denominada Fabril até os dias atuais defronta-se com a difícil necessidade de reconhecimento dos seus remanescentes, hoje ameaçados por pressões territoriais, urbanas, econômicas ou outras. A mesma situação afeta outros testemunhos no município de Cubatão que, embora ainda apresente o maior polo industrial do país em diversidade de produção, bem como os remanescentes das fábricas mais antigas da Baixada Santista, não possui nenhuma expressão na seleção de bens culturais a serem protegidos em qualquer esfera de governo, seja municipal, estadual ou federal. Um fato que coloca a proteção de bens relacionados com a industrialização como um desafio, uma das questões chave para políticas de preservação.

6.Referências bibliográficas

- CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. São Paulo: Unicamp, 1998.
- CARAM, Virgínia Martins de Souza. Inventário para Tombamento da Vila Fabril. Cubatão: Prefeitura Municipal de Cubatão, 2005.
- CHUVA, Marcia Romeiro. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: IPHAN, nº 34, 2012, p. 147-165.
- COMPANHIA FABRIL DE CUBATÃO – FÁBRICA DE PAPEL. Revista A Cigarra, 15 set. 1922, Ano X, nº 192.
- CORREIA, Telma de Barros (Org.). Forma urbana e arquitetura de vilas operárias e núcleos residenciais de empresas no Brasil. São Paulo: Annablume. 2011.
- COUTO, Joaquim Miguel. Entre estatais e transnacionais: o polo industrial de Cubatão. 2003. 220f. Tese. (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia da Universidade de Campinas, Campinas.
- DALLA COSTA, A. J. História e historiografia empresarial: acesso e utilização de arquivos e fontes. In: DALLA COSTA, A. J.; GRAF, M. E. de C. Estratégias de desenvolvimento urbano e regional. (Org.). Curitiba: Juruá, 2004. p. 121-141.
- DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/>. Acesso em fev. 2015.
- ENCICLOPÉDIA DO CINEMA BRASILEIRO. São Paulo: Editora Senac, 1997, p. 178.
- FUNDAÇÃO ARQUIVO E MEMÓRIA DE SANTOS. Disponível em <http://www.fundasantos.org.br/page.php?203>. Acesso em 11 nov. 2019.
- HISTÓRIA DA INDÚSTRIA DE CELULOSE E PAPEL NO BRASIL. São Paulo: ABTCP, 2004, p. 30.
- LOURES, Luís. A paisagem pós-industrial da Foz do Arade, uma visão do passado com vista para o futuro, 2010. Disponível em www.comum.rcaap.pt, acessado em 22/11/2019.
- PINTO, Celma do Carmo de Souza. Paisagem industrial em Cubatão-SP: o caso da Companhia Fabril do Cubatão e da Usina Henry Borden. 2015. 197 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- PIQUET, Rosélia. Cidade-empresa: presença na paisagem urbana brasileira. São Paulo: Editora Jorge Zahar, 1998, p. 04.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO. Cubatão ontem e hoje: um marco do desenvolvimento. Cubatão: PMC, 1970.
- SUZIGAN, Wilson. Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 2000.